

COLONOS, MIGRANTES E INDÍGENAS: “FRAGMENTOS” PARA MULTIPLICIDADES¹

Jones Dari Goettert

Universidade Federal da Grande Dourados

ionesdari@hotmail.com

DE FRAGMENTOS, CAOS (INTRODUÇÃO)

Desordenar o mundo é fazê-lo caos, e não construir uma nova ordenação. Toda ordem pressupõe ou requer uma sistematização que força conectar toda a distância, que faz ligar tudo o que é solto, livre ou imponderável, e todos à deriva devem ser orientados para a segurança do caos. Uma “metodologia” do caos, ao contrário, parece ser justamente a liberdade para o inusitado, o acaso e a imprevisibilidade do encontro, pois que as relações dadas e estabelecidas são sempre transitórias e instáveis, “permanecendo” desejáveis de outras conexões, em novas multiplicidades.

Sociedade, identidade, classe social, camponês, música, índio, terra, lixo e trabalho fazem parte do rol de enunciados participantes de ordenamentos do mundo. Dados *a priori*, carregam em si a densidade histórica, política, social e cultural que os gruda a estruturas simultaneamente estruturadas e estruturantes. Adjetivados, os enunciados aprisionam lonjuras, larguras e profundidades que, meio que autonomamente, ao abarcar a totalidade “filogramática” das relações envolventes, praticamente sacramentam tudo e todos em suas disposições: “sociedade sul-mato-grossense”, “identidade indígena”, “classe social subalterna”, “música periférica”, “índio kaiowá”, “terra camponesa”, “lixo urbano” e “trabalho alienado”... Ordens se instalam; caos aprisionados.

Espiar por brechas das estruturas pode possibilitar à vista uma caoticidade perturbadora, mas igualmente surpreendente. Desviar a atenção de marcações dominantes e embrenhar-se – ou deixar-se levar – pelo inusitado, pode fazer ver e mesmo *fazer crer* que ordenações de mundo sucumbem diante de pequenas outras e novas palavras, de pequenos outros e novos objetos, de pequenas outras e novas ações, de pequenos outros e novos sujeitos, redefinindo o “papel” de *fixos* e de *fluxos* (SANTOS, 2004; 2009), em espaços aí sim como “acumulação desigual de tempos” ou como “simultaneidades de estórias-até-agora” (MASSEY, 2008).

Uma pequena caixa-urna em meio à expansão da agricultura tecnificada para o Centro Oeste e outras partes do Brasil: dentro, ossos do pai; salas de estar sozinhas em casas colonas-camponesas, persistentes em meio às investidas do capital, guardando fotografias em retratos de filhos e netos, misturando-se aos domingos em meio à saborosa pipoca com melado; uma pintura em quadro de madeira pendurado em varanda de casa colona-camponesa, próxima de aviário semiabandonado porque a empresa frigorífica de frangos “só sabe explorá”: um quadro

¹ Este texto foi surgindo durante discussões e trabalhos de campo em disciplinas da graduação (Geografia Cultural, Tópicos em Cultura e Diversidade Etnicorracial, Geografia e Literatura e Fronteiras, Territórios e Globalização) e de pós-graduação (Fronteiras, Territórios e Migrações e Fronteiras, Territórios e Culturas), por nós ministradas junto ao Curso de Graduação em Geografia, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia e ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (Universidade Federal da Grande Dourados).

pintado por um pai colono-balseiro para o filho igualmente colono, balseiro e migrante; um goleiro índio “Juruna” mecânico de carros velhos: deixou o futebol para lutar por um *tekoha*; falas cruzadas em escolas sucumbindo uma ordem monofônica e instrumental: a polifonia da dor e do humor em situações de fronteiras territoriais, internacionais e regionais; a hierarquia dos trabalhadores de uma obra de construção civil aranhada pelo insólito craque guarani no jogo de futebol; barulhos e sons de explosões de dinamite e de batidas de *RAP*: invasões e inversões de sons “carai” (brancos, não-indígenas, em língua-expressão guarani) em rezadores e artistas kaiowá...

Em mundos “espremidos” entre a banda centro-norte do Mato Grosso do Sul, o sudoeste paulista, o noroeste paranaense e o nordeste paraguaio, ali, no Cone Sul sul-mato-grossense, “fragmentos” de gentes e de suas relações tomam visibilidade em meio a processos de invisibilidades. Gritantes, por vezes, as invisibilidades podem chegar ao ponto de forçar, por exemplo, toda expressão indígena guarani e kaiowá à narrativa, à lógica e à prática da tragédia, como se nosso “próprio” olhar fosse incapaz de ver, imaginar e viver outras humanidades índias, como aquela na imagem (foto 1) dos olhos guarani-kaiowá menina em bolhas de sabão, feitas e desfeitas (caos), feitas para voar e estourar (caos), virar bolas como mundos que voam, que voam e que, em um piscar de olhos, perdem nossa vista (caos)...



Foto 1 - Criança guarani-kaiowá em bolhas de sabão (Dourados – MS)

Fonte: [Reprodução de foto de Fabiana Assis Fernandes (COLLING; TEDESCHI, 2014)]

Enfim, o que objetivamos aqui? O texto apresenta um ensejo simples: partindo de fragmentos recolhidos em observações, anotações e produções (orais e imagéticas) de campo, apresentar outras possibilidades de compreensão de vidas colonas, migrantes e indígenas. A opção pelos fragmentos é justificada pela condição que oferece de exposição destituída – pelo menos parcialmente – de apriorismos, podendo trazer à tona o inesperado e o inusitado, ou seja, conexões ainda não estabelecidas. À escolha por fragmentos segue uma narrativa também incomum, privilegiando mais “aberturas” que “fechamentos”: reafirmar menos o que são colonos, migrantes e indígenas, rasurando as marcações identitárias tradicionais e construindo olhares

para a multiplicidade. Fragmentos, como *pedaços*, estão sempre *à deriva*, possibilitando uma condição nada fixa, pois passível de rejeitar-se a cada novo movimento. Nesse sentido, é-nos impossível explicar os fragmentos (nem agora, nem no meio e nem depois), uma vez que redundaria em uma contradição *em si* deste texto; o que propomos, metodologicamente, é justamente o contrário, que, a partir de um certo “caos”, outras e novas leituras (análises?) emergjam, pensando colonos, migrantes e indígenas por aberturas múltiplas (multiplicidades) e não por fechamentos idênticos (identidades).

FRAGMENTO 1: COLO

De “colo” nos chegou colônia, colonização, colonialidade. Mas chegou-nos também colono: aquele que cultiva o solo, a terra. “Cultivar” derivou-se também de culto, do qual veio-nos cultura (cultivar a terra: “agri-cultura”). O culto à terra certamente foi se aprofundando na medida em que fomos – a Humanidade em sua diversidade –, nela e sob ela, enterrando nossos mortos. A terra, sob nossos pés, foi sendo também “cultivada” pelos corpos que, algum dia, teriam nos carregado no colo – mãe, pai, avó, avô, tia, tio... (não parece à toa que “terra” seja um substantivo feminino; dela viemos, como nascemos de nossas mães e como voltaremos a ela, à terra: “em-terra-dos”).

Movimentos agudos de desterritorialização, em processos de intensificação das relações capitalistas, têm “des-terra-do” colonas e colonos. Desterrar e desenterrar se aproximam; por vezes estão como pai para filho, ou como filho para pai. No início dos anos 1980, na expansão da agricultura mecanizada sobre o cerrado mato-grossense, um ex-colono do noroeste gaúcho, virado médio arrendatário de terra em Alto Garças (Mato Grosso), em volta para casa depois de mais um dia de trabalho, morreu sob um caminhão; anos mais tarde, com a família já retornada para o Rio Grande do Sul, o “corpo” morto percorreu mais de dois mil quilômetros para ser “em-terra-do” junto à sua terra, em pequeno cemitério de sua comunidade rural. A mulher viúva ainda disse aos filhos quando os restos vieram à mostra: “olha ali, a gola da camisa que eu fiz pra ele”. Anos depois, na década de 1990, uma mãe, de família de ex-colonos gaúchos, então já morando em pequena cidade do extremo oeste paranaense, reivindicou e até suplicou o corpo do filho assassinado em Rondonópolis (Mato Grosso); quando, por sua vez, ela morreu, seguiu em túmulo ao lado do filho (GOETTERT, 2007 e 2008). Ambos os mortos pareciam precisar retornar às terras de origem: o pai no colo dos filhos; o filho no colo da mãe.

Aconteceu, de outra vez, que um corpo de colono morto (ou seus restos) não retornou, mas sim seguiu mais adiante, junto com migrantes vivos. Um filho de família colona italiana resolveu, nos anos 1970, deixar o norte do Rio Grande do Sul e seguir para Dourados (então extremo sul do Mato Grosso, depois sul do Mato Grosso do Sul). A mãe, que também já deixara a terra de poucos hectares, disse que só iria junto se o marido morto seguisse com eles. O filho não titubeou e nem pediu autorização para os poderes estabelecidos sobre a vida [biopoder (cf. FOUCAULT, 2008)] e nem sobre a morte [tânato-poder (cf. AGAMBEN, 2002)]: desenterrou os restos do pai, colocou em uma pequena urna-caixinha e a entregou no colo da mãe, que hoje

habita com ele (com o ex-marido) em cemitério da cidade sul-mato-grossense.

Quando eu resolvi vim [para Dourados] ninguém contrariou, a família, ninguém contrariou... [uma irmã atravessa a conversa: “A mãe falou que ela vinha pra cá só se levava o pai junto... ele tava enterrado lá...”] Vinte e sete anos o meu pai tava enterrado lá... [a irmã novamente interrompe: “Tivemos que tirar ele de lá, fazer uma caixinha e trazer ele de lá”...]. Fizemos uma caixinha de madeira forte, caixinha de angico, e fomos lá, estouremos e juntamos todos os ossinhos... no meio da lama... e trouxemos pra cá, e tá aí, até hoje, até hoje... no jazido... Mas não muito tempo que nós estávamos aqui, entrou os bandidos pra ver se tinha joia, e abriram a caixinha e derrubaram os ossos no chão, e não achei mais um dentinho de ouro que tinha... devem ter levado junto... Então o pai veio junto na mudança, essa foi a condição pra mãe vim junto... Sem ele, a mãe não vinha... Em uma caixinha pequena, tava enterrado lá há vinte e sete anos... Tá enterrado [agora] aqui... Não passa quinze dias sem que a gente vá lá visitar... Diz “Bom dia”, “Bom diorno”, “Tchau, tchau”, a gente fala pra mãe, pro pai... [Gaúcho, morador em Dourados (GOETTERT, 2011, s/n)].

FRAGMENTO 2: COLONOS

O deslocamento, na casa, da centralidade da cozinha para a sala de estar com a chegada da televisão e, mais recentemente, a descentralização da sala de estar para os quartos com a presença de computadores portáteis, internet e telefones celulares, são relativizados quando visitamos gentes colonas e suas casas do “interior”, sobretudo de pequenas cidades. Em São Martinho, pequeníssimo município do noroeste gaúcho, geralmente entramos nessas casas pelos “lados” ou pelo “fundo”; a varanda, disposta em um dos lados ou, o que é muito comum, nos fundos da casa, tem seu movimento inversamente proporcional ao da sala de estar. A sala de estar existe, mas seu par de sofás (outra aquisição das últimas décadas) é ocupado mais à noite, para assistir telejornais, novelas pelas mulheres ou futebol para homens (às vezes, juntos; noutras, nem isso).

A varanda “dá” para o pátio que liga ao galpão, à estrebaria das vacas, ao chiqueiro dos porcos, ao galinheiro, ao pomar, à horta, à roça mais adiante ou à pequena garagem do “Fusca”, da “Brasília” ou mesmo a um “auto” de modelo mais novo. A cozinha, a dispensa, o tanque e o banheiro pequeno com chuveiro parecem suficientes para fazer da varanda o lugar do chimarrão, das conversas antes do trabalho na roça, ou antes das idas à cidade para pequenos negócios, na cooperativa, na veterinária, no banco, no hospital, na farmácia ou para visitas a casas de filhas e filhos, que com os casamentos (ou mesmo sem eles), recebem mães e pais na cidade.

A sala de estar e sua fachada embelezam a casa, mas sua porta quase sempre permanece fechada. A sala de estar é a sala onde não se está. Ela é, quase todos os dias, percorrida pela mãe, esposa ou filha para a limpeza diária. Em fins de semana pode, quando das visitas das filhas e dos filhos da cidade, ser ocupada por netas e netos grudados na televisão, comendo bolacha, *cuca*² e pipoca com melado preparadas pela avó. Em sua estante, junto ou próximo da televisão, também “habitam” porta-retratos com os mais antigos (avós...), e cada vez

² Tipo de pão doce, podendo ser recheado com certo creme de leite caseiro, pedaços de fruta ou açúcar “engrossado”. É muito comum em mesas de famílias descendentes de alemães e italianos, no sul do Brasil.

mais com os mais novos (netas e netos); nos finais das tardes de domingo, netas e netos, filhas e filhos voltam para as casas da cidade enquanto seus sorrisos e suas roupas domingueiras permanecem nas fotografias misturadas às coisas colonas. Assim, a migração de filhas e filhos para a cidade é quase sempre de “mão-dupla”: junto com elas e eles, não raras vezes, produtos plantados e colhidos da terra ou das “criações” animais os acompanham (mandioca, bergamota, melão, leite, ovos, carne...), enquanto objetos portáteis da cidade retornam marcados pela presença direta ou indireta dos que partiram, como nas fotografias em fileira na pequena estante da sala de estar.

FRAGMENTO 3: MIGRANTE

Em varanda de uma casa colona no interior do município de Dourados (Mato Grosso do Sul), um “quadro” com um barquinho foi afixado em um prego na parede de tábuas. Presente das filhas ou dos filhos que moram na cidade? Pintura comprada em uma das centenas de lojas de lembranças nas ruas centrais da cidade? Um quadro feito por uma neta ou por um neto para presentear a avó, o avô? “Esse quadro foi meu pai que me deu, foi ele mesmo que pintou. Acho que ele pintou e me deu porque foi balseiro lá no rio Uruguai, na divisa com o Rio Grande, e depois dele eu fui... Acho que foi por isso”...



Foto 2 - “Quadro” em parede de casa colona-camponesa (Dourados – MS)
Fonte: GOETTERT, 2011

O colono Leonésio trabalhou anos e anos atravessando gentes, coisas e bichos de uma para outra margem do rio Uruguai, entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Conjugava o trabalho na roça em pequena propriedade e o trabalho de balseiro. Depois de uma grande enchente, quando perdeu quase tudo, resolveu seguir a vida colona em Palotina (oeste do Paraná), seguindo anos depois para Dourados. Gosta de falar sobre a vida na “divisa com o Rio Grande”, das alegrias e decepções na passagem pelo Paraná, dos parentes que ficaram e

daqueles que já se foram de vez. Relata com aflição as “empreitadas” desde a chegada em Dourados, sua lida na terra e, mais recentemente, de como abandonou o aviário porque “as empresas só querem explorá a gente”. Mas, pra lá e pra cá, resvala sobre o trabalho e as “aventuras” de balseiro no rio Uruguai, espreitado pelo barquinho desenhado, pintado e presenteado pelo pai.

Seu Leonésio e a esposa Jurema nos acompanham para mostrar outros objetos que lembram o sul. Na cozinha, o fogão à lenha igual aos ainda encontrados em muitas casas dos interiores e das cidades sulistas; o cano de lata-alumínio para a chaminé atravessa a parede de tábuas e segue acima da altura do telhado de telhas de barro. A máquina manual de amassar a massa para o pão, com seus dois cilindros de inox, acompanhou a família pelas andanças do sul ao centro-oeste. Na porta da dispensa, um barbante de pano enlaçado a um prego no beiral, como nas casas do sul, com portas de madeira feitas pelos próprios braços colonos, para quem à unidade da produção agrícola e pecuária mescla a artesanal carpintaria, movelaria, “construtoria”, corte e costura, culinária... E na sala de estar, próximo da televisão e do par de sofás, também em parede de tábuas, um conjunto de fotografias antigas, e uma delas mostrando um rio, uma balsa e um balseiro.



Foto 3 - Fotografias em parede de casa colona-camponesa (Dourados – MS)
Fonte: GOETTERT, 2011.

FRAGMENTO 4: MIGRANTES

É raro, mas não incomum, ouvir, no Acre, que no período auge da exploração da borracha, nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, seringueiros sozinhos, solteiros ou casados, distantes das famílias deixadas no Nordeste brasileiro, sobretudo no Ceará, passavam dias e dias sem ouvir voz alguma, pelo menos voz humana. Muitos, desesperados, visitavam vizinhos a quilômetros e mais quilômetros só para ouvir a voz de alguém que não fosse a dele.

Muitos outros, pela lonjura com que eram deixados nas colocações à beira de rios e igarapés, seguiam apenas os varadouros e estradas de seringa e, muitas vezes, falavam sozinhos e até gritavam alto para ouvir o eco das palavras, como alento à ausência de vozes humanas outras na floresta. O desespero e, no extremo, a loucura eram constantes, fazendo com que alguns, dizem, acabavam morrendo de saudade... de saudade da própria voz...

Em escolas de Coronel Sapucaia, cidade sul-mato-grossense vizinha de Capitán Bado, do Paraguai, muitos alunos paraguaios (com ou sem documentação brasileira) chegam falando apenas espanhol, alguns também o guarani. Como entender algo, como entende-los? Falar pode ser perigoso, muito perigoso na fronteira...

Mas, quando esses alunos falam:

[...] Muitas vezes temos vontade de falar para a professora compreender o nosso lado, mas, na fronteira, não podemos ir de frente com a escola; nossos pais dizem que não podemos perder os benefícios que a escola nos oferece, muitos de nós só come na escola.

[...] às vezes tenho a impressão que não estou na sala de aula, a não ser quando o professor grita meu nome, confesso que às vezes viajo daquele ambiente, pois em nada me interessa, e sei que não é minha culpa não prestar atenção na explicação, não que seja culpa do professor, mas não entendo o que ele fala e também não gosto e não quero aprender sobre a geografia do Brasil. Para que serve aprender isto, porque não trazem nada para falar do Paraguai, está ali, é só atravessar a rua (ROSA, 2014, p. 55 e 63).

... Quando pais falam:

[...] Meu filho não é visto como um aluno que precisa e merece ter um ensino de qualidade, meu filho é visto como um aluno que é do Paraguai e que, portanto, vai viver de vender mercadorias ou cair no contrabando. [...] Outro dia, tava trabalhando para um velho fazendeiro brasileiro e ele me perguntou se tinha filhos, disse que [tinha] quatro e que todos estudavam em Coronel Sapucaia; ele falou que a filha dele era professora e que sempre comenta em casa que estes paraguaios são uns mortos de fome, que só estudam nas escolas brasileiras para comer e pegar o material, 'ô racinha preguiçosa, só sabem plantar maconha, fazer farinha e mais nada'. Mas, não somos preguiçosos, tava até trabalhando pra ele... (ROSA, 2014, p. 57 e 58).

... E quando um professor fala:

[...] quem trabalha aqui em Coronel Sapucaia sabe que tem inúmeros alunos de origem paraguaia, é só prestar atenção no fundo da sala, na conversação entre eles, rola um guarani, não entendo nada, às vezes acho que eles também não me entendem, mas fazer o que? Minha aula é dada para o todo, para mim são todos iguais, tirando, como disse, essa conversa entre eles, não vejo diferença e, mais, se eles vem para um escola no Brasil, terão de aprender o que nós ensinamos [...] (ROSA, 2014, p. 86).

Agora, sobre um gaúcho aluno em escola de Dourados, nos anos 1980:

O meu filho não estudou, ele era um menino super inteligente, ia na escola lá [no Rio Grande do Sul], mas chegou aqui, começou a estudar... O que é que acontecia: no recreio, a molecada começava a correr atrás dele, 'leitee, leitee, leitee, rrato, rrato, rrato'... Meu filho, corria sangue nos olhos, não quis mais estudar... Corriam atrás dele... 'leitee, leitee, leitee, rrato, rrato, rrato'... E aí tinha uma conhecida nossa que disse que, quando vinha pra casa do serviço, via que o

Leandro vinha lá de cima, da rua, e não da escola, que é aqui, aí eu comecei a desconfiar... E ele nunca tinha tema, mas todos os outros tinham... E aí fiquei sabendo que ele saía limpinho, uniformizado, mas não ia na escola... não quis mais estudar... Com a minha outra filha aconteceu a mesma coisa, a Sônia, mas ela era mais extrovertida, ela ria junto, então ela superou fácil, ela encarou numa boa... Mas eu, até hoje, o pessoal tira sarro de mim, do jeito de falar... E assim é... [...] [Mas] você começa a perceber que você mudou quando você começa a viajar para lá [para o Rio Grande do Sul], começa a ser estranho lá, porque nós aqui também mudamos... (GOETTERT, 2011).

FRAGMENTO 5: ÍNDIO

Um goleiro sempre aparecia depois de iniciadas as primeiras partidas entre boleiros, no campo de futebol “suíço” do Sindicato dos Professores da Universidade Federal da Grande Dourados (AdufDourados). “Já chegou, Juruna?”, zombavam os não-índios aposentados do Exército, da “Wolks”, os pedreiros, o pintor de parede, o policial militar, o motorista de caminhão, o “folgado”, os servidores públicos e os poucos professores. “Tava na invasão, não é Juruna, querendo teu pedacinho de terra, né?”, continuavam aqueles homens de bairros pobres e de classe média da cidade. Com seu par de luvas velho e com furos entre os dedos, fazia por vezes defesas espetaculares, mas em quase todas as tardes de sábado e de quartas-feiras engolia “frangos” de montão. Nunca retrucou as provocações sobre “invasões” indígenas na formação de acampamentos na luta pela retomada dos *tekohas* guarani e kaiowá, e nunca levou a sério os sarros pelos gols fáceis que entravam entre as traves de sua goleira.

Por ser “Juruna”, ninguém sabia se era mesmo índio juruna ou de terras dali perto, onde habitavam apertados na Reserva Indígena de Dourados gentes das etnias kaiowá, guarani e terena. Em 2014, em torno de catorze mil indígenas para aproximadamente três mil e quinhentos hectares; *é muito índio pra pouca terra*, dizem ainda muitas e muitos não indígenas em Dourados... Mas o “Juruna” não morava nem na aldeia Jaguapiru e nem na aldeia Bororó, as duas que compõe a reserva. Morava na cidade, próximo à “unidade um da UFGD [também próximo do centro da cidade]”, disse-nos um dia, onde tinha uma oficina mecânica para conserto de carros vários, todos eles “Fuscas”, “Brasílias”, “Corcel I e 2”, “Belinas” e “Variant’s”. Muitos clientes levavam seus carros empurrados ou rebocados para nunca mais aparecer, enquanto os veículos se estragavam ainda mais no tempo.

Entre meados dos anos de 2013 e 2014, “Juruna”, o goleiro, quase não foi visto nos jogos de futebol do sindicato. Os boleiros especulávamos, volta e meia, “por onde anda o Juruna?” Além da ausência do goleiro no campo, também os carros velhos, no mesmo tempo, haviam deixado a vista dos cidadãos em paz... Uma certa tarde, como de surpresa, “Juruna” apareceu como se o tempo não tivesse passado e como se nada tivesse acontecido. Atrasado, foi para o gol, fez raras defesas extraordinárias e muitas “penas” ficaram grudadas em seu par de luvas, cada vez mais cheias de buracos... Já quase noite, ia saindo meio que de fininho quando foi surpreendido por um grito à meia distância: “Hei, Juruna, voltou pra aldeia da tua tribo?” Um tanto sem jeito ainda respondeu de longe: “Não! Tô morando lá perto, depois do anel viário, mas ainda antes da

reserva”... E se foi...

Dias depois avistamos no acampamento “Boqueron” um punhado de velhos “Fuscas”, “Brasílias”, “Corcel 1 e 2”, “Belinas” e “Variant’s”; paramos, e lá encontramos, sob um dos carros e com as mãos sujas de graxa, o “Juruna”, agora acampado “com os parentes” lutando pelo *tekoha* de seu povo kaiowá, do qual também faz parte.

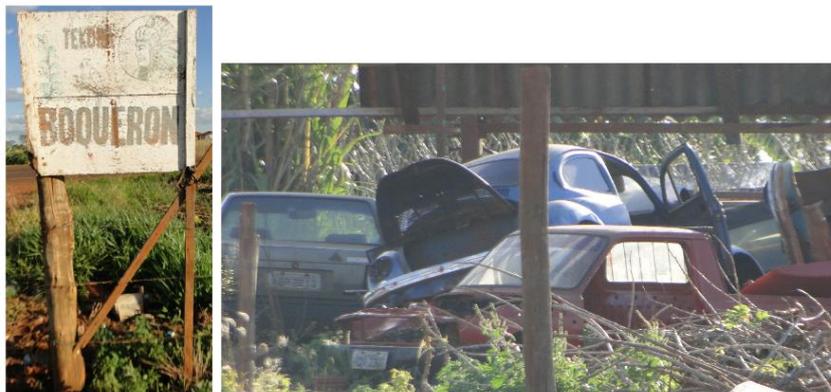


Foto 4 - Oficina mecânica de carros velhos no acampamento indígena kaiowá “Boqueron” (entre o setor norte do anel viário e a Reserva Indígena de Dourados)
Fonte: trabalho de campo, 2014

FRAGMENTO 6: “BRANCOS” E ÍNDIOS

Em uma reforma do espaço físico do Sindicato AdufDourados, nos meses do meio de 2014, uma “simultaneidade de estórias-até-agora” um tanto inusitada. Será? Ali, corpos a carregar areia, brita, cimento, cal e ferro, de encontros entre tijolos e massa iam sendo erguidas paredes, rebocando lados do duro e queimado barro, que vinha argila das “terras vermelhas” de Dourados e região. E esta simultaneidade um tanto inusitada: um mestre de obras, “empreiteiro”, paulista; três pedreiros: dois douradenses e um mineiro; e cinco serventes: um “douradense, da cidade”, e quatro da aldeia Jaguapiru, “da reserva, não da cidade”.

O mestre de obras, paulista, migrou para Dourados logo depois de casar-se em terras ainda de São Paulo. Sua via profissional migrou junto, “trabalhando de sol a sol”, “sem parar, fazendo de tudo um pouco”: “hoje continuo correndo sem parar, tocando mais de sete obras, senão a gente não vai pra frente”. Com seu carro “Corsa Classic” da “Chevrolet”, carretinha engatada, supervisiona e vistoria todas as obras à toda hora. “É o Zé Carlos, o Paulista”.

Roberto, Gilmar e Anilton são os mestres de obra: negro, “branco” (meio mistura nordestina e negro) e índio, respectivamente. Roberto é conhecido por, “só podia”, “Feijão”. Há anos trabalha na construção civil, mas já trabalhou com “publicidade” e foi jogador de futebol amador. Casado, divorciou-se e hoje mora só. Nos finais de semana visita as filhas casadas, uma com um “tranqueirinha”, “que só dá trabalho”: “mas foi ela quem escolheu, fazer o que?” Jogou futebol até contra o time do velho “Ubiratan”, equipe tradicional de Dourados; lateral, fechava a defesa junto com outro irmão, zagueiro central. “Estourei os joelhos e faz vinte anos que não jogo mais, tô todo estourado”. Assenta tijolos como ninguém, indo e vindo, todas as manhãs e todas as

tardes, em sua moto “CG 125” da “Honda”.

Gilmar, nascido das entranhas de Minas Gerais, fez da vida uma errância. Aprendeu a lida com “massa e tijolo” ainda jovem em cidades mineiras. Depois resolveu seguir a vida em terras estrangeiras: “fiquei um ano em Portugal, mas lá tava muito difícil, daí resolvi voltar”. Voltou para Vilhena, extremo sul de Rondônia, onde levantou paredes, foi construtor e levou muitos calotes. E desde cedo, já desde Minas Gerais, foi paralelamente seguindo “a vida de Jesus” junto à Igreja Assembleia de Deus, e seguindo sua mulher, esposa e também pastora. Chega sempre cedo no trabalho em seu carro “Focus”, da “Ford”, ano 2005. “Já tive até ‘Corolla XE1 automático’, mas vendi, emprestei o dinheiro pra um amigo meu, que foi pros Estados Unidos e nunca mais me devolveu”.

Anilton, que nasceu e morou por mais de vinte anos na aldeia Jaguapiru, cedo iniciou sua labuta na construção civil. Primeiro foi “oreia seca”, depois “meio pedreiro” e então “pedreiro”. “Tem muito índio que trabalha assim, pois é coisa que dá pra fazer sem estudar muito, porque o estudo pra gente não é fácil”. Gosta de futebol e joga em um time de sua antiga aldeia. Durante a reforma no sindicato organizou um time para jogar contra os boleiros dali; 6 x1: levaram para casa e para a aldeia, ele e os companheiros de time, um gol de consolação. Tem uma moto “XL 125”, da “Honda”, ano 2011.

E os serventes: Renato, Laucidio, Orimar, Laurentino e Delmiro. Renato, o mais jovem, é ajudante do mestre Gilmar; se conheceram na Igreja. Renato nasceu na cidade fronteira Bela Vista, ao lado de Bella Vista Norte, no Paraguai, a cento e cinquenta quilômetros de Dourados. É morador do bairro Monte Líbano. Já Laucidio, Orimar e Laurentino moram na aldeia Jaguapiru; Delmiro, também índio, disse que “já moro na cidade, casei e quero ficar longe daquela terra vermelha”. Índios guarani, como o mestre Anilton. Laucidio e Laurentino são irmãos, da grande família guarani “Velasquez”, enquanto Orimar, de sobrenome “Marques”, é sobrinho de Marçal Filho. Chegam e voltam todos os dias com suas motos ou bicicletas, todas menos novas do que às dos pedreiros... Perguntamos se eles, índios guarani, frequentavam casas de reza na reserva; todos disseram que “não, somos evangélicos”. “Então não conhecem as casas de reza do Getúlio ou do Jorge e da Floriza?” “Sim, a gente conhece, mas vai no culto nosso”. E Delmiro ainda arrematou: “A casa de reza do Jorge fica perto da pedreira, de onde vem a pedra-brita que a gente usa aqui”.



Foto 5 - Motos de “indígenas” em atividade de construção civil
(Sindicato dos Professores da UFGD – Dourados – MS)
Fonte: trabalho de campo, 2014

FRAGMENTO 7: ÍNDIOS E “BRANCOS”

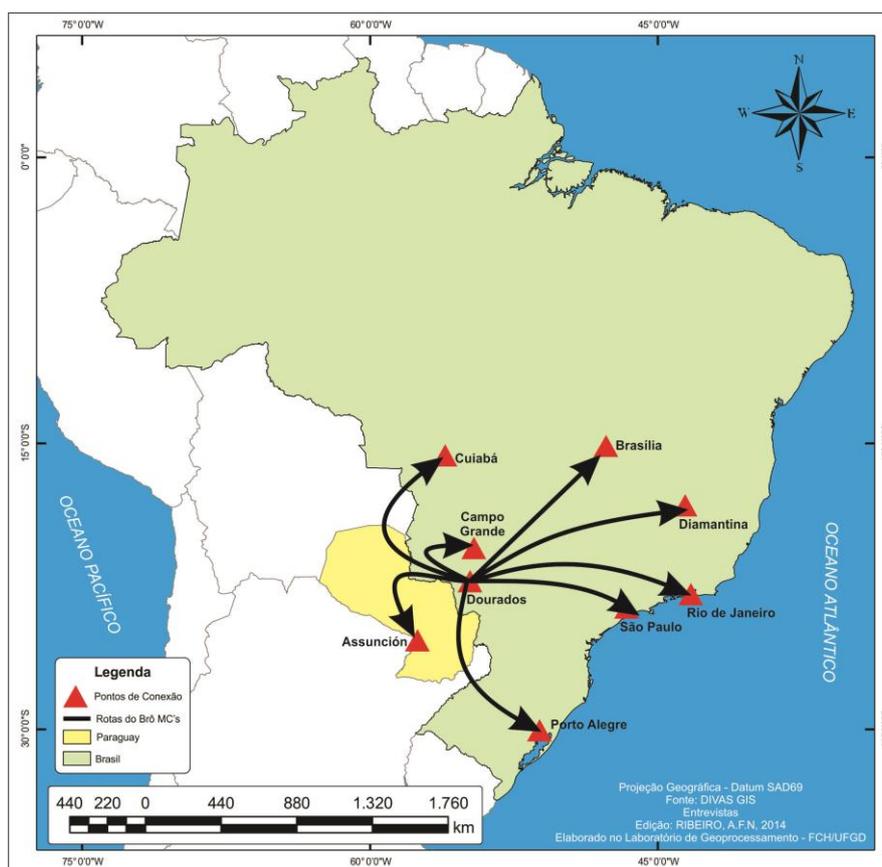
“Dali, da pedreira, é a cada vinte dias, trinta dias, explosão, estouro, explosão... A gente sofre aqui demais com as explosões, os ouvidos, o coração, o corpo todo...” Seu Jorge e dona Floriza, rezador e rezadora kaiowá, relatam em todas as visitas que fazemos à Casa de Reza as consequências das constantes explosões de dinamites em uma pedreira próxima, do lado de lá da estrada que divide a Reserva Indígena de Dourados de propriedades privadas. Ali, na Casa de Reza ou nas outras quatro pequenas casas (uma de alvenaria, uma de palha, uma de madeira e outra de lona), onde moram o casal de rezadores e as famílias dos filhos, o “caraí” (branco) chega pelo barulho arrebatador de explosões que racham rochas que servirão, por exemplo, para a construção de casas dos próprios “caraí”. O barulho das explosões é “mal-recebido”, malvisto, mal-ouvido e “mal-sentido” do lado de lá da pedreira, em terra indígena, o lado da Casa de Reza. É como se fosse, ali, algo como um resto não material da intervenção, da imposição ou mesmo da dominação “caraí” sobre os guarani e kaiowá. O barulho como um lixo “branco” que entra na terra indígena, que, se não cheira mal, é mal ouvido.

A relação índio-lixo tem outros capítulos junto ou perto da reserva. Anos passados, um lixão próximo à aldeia Bororó era diariamente visitado por famílias indígenas em busca de restos de comida e coisas velhas, que jogadas fora na cidade podiam ainda servir para alguma coisa. Era o “paraíso”...

Quando a gente chegava lá, a gente sabia que ia encontrar alguma coisa, por isso que a gente apelidou aquele lá de paraíso, entendeu? Quando a gente chegava lá a gente sabia que ia encontrar alguma coisa, um brinquedo quebrado, algumas roupas e tal, um tênis assim, pra gente usar e tal, a gente falava, chegando lá a gente vai pro paraíso, a gente apelidava aquilo lá de paraíso (VIEIRA, 2014, p.38-39).

“A gente” eram, ali, Clemerson, Bruno, Charlie e Kelvin: quatro crianças de ontem que, fechado o lixão, cedo se tornaram trabalhadores braçais... E depois, inusitadamente, influenciados por uma “batida” de fora da reserva, começaram a usar roupas igualmente inusitadas, a mexer inusitadamente o corpo, a ritmar misturas de palavras e frases em português e guarani inusitadamente combinadas, e que inusitadamente formaram o primeiro grupo de *RAP* indígena do Brasil, o “BRÔ’MCs”.

O som já não era mais dos caminhões do lixão e muito menos apenas os ecos das explosões da pedra próxima à Casa de Reza de Jorge e Floriza. Invenção “caraí”, o *RAP*, para os jovens índios guarani-kaiowá Clemerson, Bruno, Charlei e Kelvin, foi bem recebido, bem visto, bem ouvido e bem sentido. Inversamente ao som da pedra, de fora para dentro da Reserva e sem nenhuma reciprocidade e alteridade subsequente, o som do *RAP* penetrou nos corpos indígenas pelo ritmo, roupas, gestos e atitudes e, reciprocamente, se expandiu para fora como dupla espacialidade: a sonora, hibridização entre o português e o guarani, e à da resistência, reexistindo em uma expressão musical “branca-negra” periférica, agora também indígena.



Mapa 1 - Fluxo do grupo de *RAP* indígena “BRÔ MC’s” de Dourados (MS)
Fonte: VIEIRA, 2014, p. 137.

Da precariedade da Reserva Indígena de Dourados (cf. MOTA, 2011), passando pelas periferias urbanas, pelo lixão, retornando à “terra vermelha” guarani-kaiowá pela musicalidade do *RAP*, e dali percorrendo outras trilhas próximas e distantes, os indígenas *rappers* continuam a

levar a vida como antes, em semelhança, por exemplo, aos indígenas pedreiros e serventes de pedreiro aludidos anteriormente. O *RAP*, para eles, é mais que o fim em si mesmo; é uma possibilidade (concreta e simbólica) de luta contra os mecanismos de exploração [a “exclusão” indígena como estratégia capitalista para a inclusão precária de mão de obra para trabalhos igualmente precários (corte de cana, construção civil, trabalhos domésticos etc.)], dominação (subserviência, tutela e invisibilidade) e imposição (cultural, religiosa e midiática).

Ao contrário de outros artistas, que ao fazerem sucesso ou ganharem considerável quantia de dinheiro, saem do seu lugar de origem, seja uma cidade do interior para uma capital, ou de um bairro periférico ou de uma favela para um bairro mais nobre [...], os componentes do BRÔ MC's continuam e persistem na aldeia. Nesse caso, ousamos em afirmar que mesmo tendo condições favoráveis para uma mudança, dificilmente isso ocorrerá no caso dos integrantes do grupo, pois a territorialidade e as relações territoriais que eles têm com o lugar, com a aldeia, imprimem uma ligadura que será dificilmente rompida, apenas para uma (im)provável saída em definitivo para seus *tekoha* (VIEIRA, 2014, p. 141).

DE CAOS, MULTIPLICIDADES (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

Toda identidade, marcada por representações de sustentação, almeja, endogenamente, a afirmação de semelhança como base de uma unidade que busca seu fortalecimento; e, para fora, em perspectiva exógena, a afirmação de dessemelhança como pressuposto da “di-visão”, em enfraquecimento do outro. Os termos de semelhança e dessemelhança formam o “mundo”, uma ordem, por isso identidades são também o ordenamento que procura se conservar e até se impor, enquanto, ao contrário, a diferença “des-ordena”, “des-estabiliza”, “des-territorializa”. Diferença que, aqui, não é o outro, pois que este é a chave – a alteridade – para a construção mesma da identidade; diferença, aqui, é justamente o que sinaliza e projeta a “des-identidade” como possibilidade de potência, rompendo-se em fissuras sobre “linhas duras” (cf. DELEUZE; GUATTARI, 1996).

A “sociedade sul-mato-grossense” é toda desfavorável à demarcação das terras indígenas? A diferença, os povos indígenas, borram a unidade pretendida... A “identidade indígena” é uma e una? Um *rapper* índio é simultaneamente uma “dialética” e uma condição rizomática de produção de um caos, revelando o sujeito mais em sua condição *fluida* que *fixa*, persistindo, mesmo assim, índio, música periférica, mas que, da periferia, rasura o centro... Uma “classe social subalterna” é desestabilizada a depender do campo de relações, como quando um servente de pedreiro vira o *centro* em sua genialidade futebolística... A “terra camponesa” é atravessada por um barquinho desenhado e pintado por um pai, ou por outro já morto virado ossos em caixinha de angico, saudado na saudade brasileira – “bom dia” – e italiana – “bom diorno” – no Mato Grosso do Sul... O “lixo urbano”, virado e revirado por meninos índios, vira o “paraíso”...

Sujeitos, ações e objetos estranhos – diferentes, a diferença – desterritorializam *fixos* e *fluxos* encaixados em ordens de identidades, suas representações, imagens e imaginários. Fixos

viram fluxos, e fluxos, fixos: um pai enterrado, migra; um filho migrado fica na fotografia da estante da sala de casa colona; um barco pintado navega para além do rio do sul e gruda em parede de tábuas no “meio” da América do Sul; estudantes paraguaios no Brasil *flutuam* dia mais dia fixando a dor do lado de lá da fronteira (“não gosto e não quero aprender sobre a geografia do Brasil”), enquanto um sotaque gaúcho, de gentes hegemônicas, vira sarro em escola de fronteira agrícola em expansão (“leitee, leitee, leitee, rrato, rrato, rrato”); um kaiowá virado mecânico na cidade retorna à luta por seu *tekoha*, junto com *seus* carros velhos, enquanto um guarani apenas deixa a aldeia para viver seu casamento feliz, sem “terra vermelha” alguma; sons de pedreira são fluxos aterrorizantes em Casa de Reza kaiowá, enquanto sons de *RAP* viram fixos de resistência, igualmente kaiowá... Ações desencaixam objetos; objetos redefinem ações: entremeios, sujeitos se orientam e se localizam atravessados pelo caos.

Caos desterritorializam na simultaneidade de outras e novas reterritorializações. Caos como multiplicidades de sujeitos, ações e objetos cotidianos escondidos, inauditos e invisibilizados; emergidos, desfazem processos dominantes de modos de vida colona-camponesa, de migrações e de povos indígenas, marcados por identidades ordenadoras. É preciso, como ato de uma compreensão radical, deixar que as identidades vaguem “soltas”, em deriva, para que a diferença borre, rasure e desterritorialize nosso próprio pensar, condição participante para a territorialidade de outras e novas práticas e devires.

A abertura ao movimento “desigual de tempos” e à “simultaneidade de estórias-até-agora” é provocar a radicalidade do espaço. Um espaço que, menos que *estar lá, ser isso ou aquilo*, é potência no olhar e sentir a vida através do outro, atravessando e rompendo sua identidade reducionista, na diferença em multiplicidade que o faz *um outro* dele mesmo. Colonas e colonos são também ossos mortos em caixinha de angico, sorrisos de netas e netos em porta-retratos na sala de estar em silêncio e barquinhos de velas a lembrar balseiros navegando em parede de tábuas, longe do rio. Migrantes são também vozes atormentadas sob silêncios profundos na incompreensão da diferença, quando uma identidade propõe-se apenas territorializar-colonizar, enquanto derivas se perdem no vazio de uma fronteira como “des-potência” do devir; perto-longe, corpos hegemônicos *se atormentam* na replicação, por outros, de suas próprias vozes: a voz desterritorializada na boca do outro, reterritorializando o corpo todo fora da escola. Indígenas são boleiros, serventes e pedreiros, catadores de lixo, *rappers*... uns retornam para os seus na luta por *tekohas*, reterritorializando-se; outros seguem a vida desterritorializados na cidade, reterritorializados pelo casamento; enquanto outros ainda se desterritorializam nas batidas do *RAP*, reterritorializando-se como som na luta pela retomada de suas terras... A multiplicidade, as multiplicidades!

Por um espaço aberto: de aberturas, brechas, rachaduras, rasuras, margens, borrões... Toda vez que definimos algo, objeto, ação ou sujeito em identidade única, fechamos suas possíveis multiplicidades, sua força, potência em devires. Ou seja, para um mundo que queremos movimento e mudança, outras e novas conexões, o espaço aberto precisa ser a fagulha e o

vasculhar do não-dito, do não-visto, do ainda não-sentido, de conexões em deriva e à espera, devires. Uma “metodologia” do caos é também o espaço querido aberto; nós, sujeitos, espaços em movimento, no querer a multiplicidade precisamos-nos abertos à soltura, à liberdade e à imponderabilidade. E olhemos, enquanto a bolha ainda nos mira como território, pois, logo, se des-re-territorializará em um novo olhar, uma nova conexão, um novo devir.



Foto 7 – Bolha de sabão

Fonte: [Reprodução de foto de Fabiana Assis Fernandes (COLLING; TEDESCHI, 2014)]

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I**. 2 ed. Belo Horizonte: EdUFMG, 2002.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Mulheres kaiowá e guarani: expressões**. Dourados: EdUFGD, 2014.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Vol. 3. São Paulo: Ed. 34, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOETTERT, Jones Dari. De vuelta muerto a casa: el tempo del encuentro. In: RODRIGUEZ, David; HERRERA, Limbergh (Orgs.). **Imagen de la muerte**. Lima: Editorial Línea Andina, 2007, p. 171-179.

_____. **O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso de quem partiu e de quem ficou**. Dourados: EdUFGD, 2008.

_____. **Identidades territoriais e trajetórias individuais: processos de identificação/diferenciação em experiências migratórias**. Relatório de Estágio de Pós-Doutoramento. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFF, 2011.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. **Territórios e territorialidades guarani e kaiowá: da territorialidade precária na Reserva Indígena de Dourados à multiterritorialidade**. Dissertação. Dourados: Programa de Pós-Graduação em Geografia – FCH-UFGD, 2011.

ROSA, Márcio Marques. **Características e desafios do ensino de geografia em área de fronteira: considerações a partir do município de Coronel Sapucaia (MS)**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Dourados: Programa de Pós-Graduação em Geografia – FCH-UFGD,

2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. São Paulo: EdUSP, 2004.

_____. **Pensando o espaço do homem**. 5 ed. São Paulo: EdUSP, 2009.

VIEIRA, Higor Marcelo Lobo. **Trajetórias individuais e processos coletivos do RAP indígena: territórios e territorialidades do grupo BRÔ MC'S**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Dourados: Programa de Pós-Graduação em Geografia – FCH-UFGD, 2014.